

CONVERGÊNCIA, MOVIMIENTO LACANIANO PELA PSICOANÁLISE FREUDIANA.

BARCELONA 2023

Qual é a ética para a prática psicanalítica na atualidade?

Apresentação Escola de Psicanálise Sigmund Freud-Rosário

A práxis psicanalítica, hoje

Afirmar que a práxis psicanalítica está orientada a esse osso do real através do simbólico permite-nos sustentar que não é possível realizá-la sem esse movimento moebiano, intensão-extensão, que a suporta.

A formação do analista implica a colocação em ato na extensão de uma Escola, Associação, interlocução com outros, Jornadas, Convergência. É o que aborda e mostra no discurso a práxis analítica.

Abordaremos, a partir daí, as perguntas que convocam este encontro posto que, embora não deixemos de questionar a 'subjetividade da época', são perguntas que dizem respeito ao nó do Discurso Analítico como um dos discursos que enquanto reverso do Discurso *Maître* gira como efeito do ato analítico ao Discurso Histórico enquanto posição analisante.

Na rodada dos Discursos, o Discurso capitalista não deixa de interpor obstáculos à possível dimensão sintomática que enquanto articulação desejo-gozo, quebra a relação S1-S2, empurrando o gozo. Sublinhamos que mesmo quando predomina o discurso capitalista, os outros três discursos podem propiciar giros que possibilitem a instauração de uma posição analisante.

O que implica, então, na atualidade, hoje, a condução de um tratamento? O analista, com sua presença, ao emprestar seu corpo à escuta, é suporte, *semblant* de objeto para que o analisante fale. O analista oferece dar lugar a que se diga e desse modo propicia a entrada em jogo da contingência.

Não se trata de decidir e propor-se “fazer” *semblant* de, mas sim estar disponível para o que impõe o dizer do que fala: o analisante, posto que precisamente o *semblant* é um efeito do discurso analisante.

Sem a singularidade que diz respeito a um sujeito, não há significante que o represente para outro significante. Lacan produz uma passagem do inconsciente estruturado como uma linguagem a reformular o inconsciente como aquilo que revela que o *parlêtre*, enquanto fala, goza!: *Jouis-J’ouïs*, homofonia que coloca em ato o que habitualmente chamamos de gozo fálico, sempre que para o goza! se responde ‘ouço’.

Essa passagem proposta por Lacan implica sustentar a diferença entre a linguagem e a *lalangue* que inclui a pulsão, se houve investimento pulsional, ao passo que o saber inconsciente é um saber que se sustenta com e contra *lalangue*.

Quais são as resistências com as quais nos encontramos hoje, em nossa práxis?

Podemos levar em consideração os efeitos da pandemia, esse Real com o qual nos encontramos e que nos atravessou e continua nos atravessando, ou melhor ainda, a práxis analítica no pós-pandemia.

Embora o possível tenha sido abrir – não ficamos nessa prisão – e considerar a virtualidade através de sessões telefônicas, por videochamada, por Zoom e outros possíveis aplicativos que implicam a tela já que a voz é uma das formas da presença, quando foi possível a abertura à presencialidade, isto é, a colocar o corpo, não com a voz, tanto o analista quanto o analisante, vemos que há efeitos que podemos nomear como “rejeição” (*Ablehnung*). Trata-se efetivamente de ‘negar-se’ a colocar o corpo por parte do analisante, propondo sessões virtuais perante algum obstáculo que se apresente para comparecer e colocar o corpo na sessão prevista. Observamos também a solicitação de mudanças de horários, e a tendência do analista a satisfazer essa demanda. Ocorreu e ainda ocorre como uma inércia da pandemia que deu continuidade a essa modalidade virtual, motivo pelo qual questionamos isso como uma forma de rejeição a colocar o corpo: tanto do analisante quanto do analista ao responder à demanda e continuar com as sessões on-line, mudanças de horários e outras que podemos questionar como resistência do analista.

Essas e outras situações fizeram surgir uma vez mais em nossa Escola a pergunta acerca do corpo do analista e motivaram ricos intercâmbios que incluíram analistas de outras instituições. O corpo do analista faz parte da cena analítica já que é o operador do marco que a constitui. Sabemos que não é qualquer cena, que ali se fala como não se pode falar em nenhum outro lugar e, como dizia o mestre, trata-se do lugar “da outra cena”.

Na cena analítica está excluída a relação sexual. “O analista, enquanto tal, não tem corpo. Ou melhor, seu corpo não tem *Erscheinung*, isto é, manifestação do que é próprio”.¹ Por isso a presença do analista é necessária para que as manifestações de seu corpo não se façam presente. O analista no lugar do morto suspende seu eu. Tampouco se escuta como em qualquer outro lugar. Por isso o ensinamento de Lacan a respeito da posição do analista que mencionamos no começo orientam e renovam nossas perguntas.

Precisamente uma das questões que a convocatória nos propõe interrogar refere-se à temporalidade: menos sessões, mas também um modo de não entrar na análise ao dissolver o sintoma ou a deixar de lado a angústia. A demanda de mudanças de horários também é uma questão ligada à temporalidade. Sabemos que entrar em análise implica produzir uma série de operações que não é sem o desejo do sujeito de avançar enquanto estiver impedido de certas satisfações que o deixam à margem da vida. Podemos dizer que passa do instante de ver no momento de concluir pulando o tempo de compreender. Sem o tempo lógico de compreender o momento de concluir não levará, necessariamente, à pressa que lhe é própria, mas sim se tratará de alguma outra coisa ligada à compulsão. O tempo de compreender é fundamental no transcurso de uma análise. Desde o primeiro tópico freudiano até a seta escrita no esquema “do pente” indica a temporalidade no processo de qualquer ato psíquico como o trabalho do sonho demonstra de maneira contundente.

Lacan, com “A afirmação de certeza antecipada” nos deu uma valiosa ferramenta dos tempos lógicos.

¹ Yankelevich, Héctor: Lógicas del Goce. “El marco del análisis y el cuerpo del analista”, Cap 1. Pag. 20. Ed. Homo Sapiens. Rosario. Argentina, 2002

O ato analítico traz consigo a temporalidade lógica do momento de concluir sempre que o tempo de compreender tenha feito seu trabalho de modo que o analista possa produzir esse ato que a tarefa analisante possibilite. Daí que não se trata de passagens ao ato, nem de propiciar *actings out*.

Os relatos que Hilda Doolittle² faz de sua análise com Freud em *Escrito na parede* transmitem o “saber fazer” do analista quando escuta em atenção flutuante e revelam, *après coup*, que a função “desejo do analista” esteve em jogo. Quando ela leva “suas visões” à análise, Freud intervém ativamente: pergunta pelo tamanho das imagens, quanto tempo duraram, se estava com os olhos abertos ou fechados, que forma tinham, se em alguns casos podem se referir a deusas, a qual delas? Vemo-lo (na leitura) ir do divã às vitrines, nas quais o *Professor* tinha sua coleção de objetos de valor arqueológico e artístico, escolher uma estatueta e com ela regressar ao divã e, nesse ir e vir, dar forma de figura, escrita hieroglífica, àquilo que tinha aparecido nas visões de maneira imprecisa.

Falávamos do tempo necessário de compreender e o que implica esse discurso sem palavras, mas não sem linguagem, que a tela, exerce a função de tela, diferentemente da presença que também tem sua temporalidade e seu espaço, esse real do consultório, o divã, o aperto de mãos, ou o beijo, e do lado do analisante, sua locomoção ao consultório, o cumprimento, o gesto, entre outras coisas ao considerar a chegada à sessão prevista.

O testemunho de Suzanne Hommel³ de sua análise com Lacan traz sua contribuição a respeito dessas perguntas: viveu a guerra e o pós-guerra, a fome, o horror e a angústia. Em uma de suas primeiras entrevistas pergunta-lhe se pode remover essa dor apesar de saber a resposta. O olhar de Lacan lhe fazia entender que tinha que viver toda a vida com essa dor. Um dia leva um sonho: “Acordo às 5h”, e acrescenta, “às 5h a Gestapo ia à casa dos judeus para buscá-los”. Diante disso, Lacan executa um ato: levanta-se de repente da poltrona, aproxima-se dela e lhe acaricia o rosto com muita delicadeza. Seu ato, um *geste à*

² Doolittle, Hilda: Tributo a Freud. (cartas) “Escrito en la pared”. Pag 49. Colección Tauro. Schapire Editor. Bs As. 1979

³ <https://youtu.be/ai6zzNoVkJU>

peau, embora não tenha diminuído a dor, modificou-a. 40 anos depois, quando relata esse fragmento de análise ainda sente esse *geste à peau*. Foi um *geste* que apelou à humanidade.

É possível assim, inventar a cada vez, se a moldura da análise, como dizemos, estiver bem traçada, e se cada analista sustentar sua prática a partir da posição enquanto tal, segundo a lógica dos quatro discursos.

Susana Splendiani

Por EPSFROS